

## Krisis e Kairós em Evanhélos Moutsopoulos

### *Krisis et Kairós chez Evanhélos Moutsopoulos*

Constança Marcondes CESAR  
Faculdade de Filosofia – PUC-Campinas

#### Resumé

L'analyse de la crise de la société contemporaine est liée, dans l'oeuvre d'Evanhélos Moutsopoulos, penseur grec contemporain, à une interprétation de l'histoire. Il s'agit, pour ce philosophe, d'interpréter l'histoire comme une succession de crises et d'opportunités de surmonter ces crises, en vue d'un changement qualitatif du sens de l'existence humaine. Toute crise implique une rupture, une discontinuité dans la continuité temporelle d'une société. Et elle signale la possibilité, pour cette société, soit de s'effondrer dans la ruine, soit de surmonter la menace de rupture, en reconnaissant le moment favorable, l'opportunité de changement vers un plus-être, vers une nouvelle réalisation, dans un niveau qualitatif supérieur à celui où elle se trouvait auparavant. En établissant des analogies entre l'évolution de l'histoire et la musique sérielle, la fugue musicale, Moutsopoulos, lui-même musicien et philosophe, parle d'un rapport étroit entre crise et kairós, dans notre époque.

**Mots-clé:** Evanhélos Moutsopoulos, Kairós, Krisis.

#### Abstract

*The analysis of the crisis of the contemporary society is bound, in the work of Evanhélos Moutsopoulos, Greek thinker contemporary, with an interpretation of the history. It is a question, for this philosopher, of interpreting the history like a succession of crises and advisabilities of overcoming these crises, for a qualitative change of the direction of the human existence. Any crisis implies a rupture, a discontinuity in the temporal continuity of a society. And it announces the possibility, for this society, either to break down in the ruin, or to overcome the threat of rupture, by recognizing the favorable moment, the change appropriateness towards more-being, towards a new realization, in a qualitative level higher than that where it was before. By establishing analogies between l'évolution of the history and the serial music, the musical running away, Moutsopoulos, itself musician and philosopher, speaks about a close relationship between crisis and kairós, in our time.*

**Keywords:** Evanhélos Moutsopoulos, Kairós, Krisis.

A análise da crise da sociedade atual está vinculada, na obra de Evanhélos Moutsopoulos, um dos mais significativos autores gregos contemporâneos

os<sup>1</sup>, a uma interpretação da história. Dois textos essenciais balizam essa reflexão: o primeiro, **As crises históricas**<sup>2</sup>, de 1977; o segundo, **A racionalidade**

(1) Cf. C. MARCONDES CESAR, Evanhélos Moutsopoulos e o pensamento grego contemporâneo, RBF, n° 214, 2004, pp. 195-250; id, A Grécia como inspiração, RBF, n° 216, 2004, pp. 557-564.

(2) Les crises historiques, Atenas, Universidade de Atenas, Discursos Oficiais, 22, 1977-1978, pp. 57-72.

dade da história. **Crises e oportunidades históricas**<sup>3</sup>, de 2004. São permeados por vários outros escritos, que desenvolvem a temática em torno das possibilidades de uma interpretação e categorização da história inspirada na aplicação de modelos musicais às ciências humanas.

A crise, numa dada sociedade, consiste na **repetição**, não de eventos, mas de situações que implicam uma ruptura da continuidade temporal, uma mudança da sorte, seja num sentido **negativo**, de sua destruição ou desaparecimento, seja num sentido **positivo**, de sua alteração qualitativa em direção a um ser-mais.

No sentido **positivo**, a crise é identificada com a “oportunidade”, “o instante propício”, o “tempo favorável” (Kairós)<sup>4</sup>, o momento culminante que possibilita a passagem para um nível qualitativamente mais alto, um ser-mais, no plano espiritual de uma sociedade que foi capaz de abeberar-se da riqueza de seu passado e de sua tradição, respondendo aos desafios presentes e projetando seu futuro<sup>5</sup>.

Como na música, na fuga musical, há, na vida da sociedade, **temas** - seus valores; **variações** sobre temas - a adequação, a cada época, desses valores às novas situações; **alternâncias, repetições**, de temas - mergulhos no passado para aí buscar as fontes originais, os valores fundadores, reformulando-os perante as novas exigências; **desaparecimento e ressurgimento** de temas - fracasso ou sucesso de uma dada sociedade, na retomada criadora de sua tradição<sup>6</sup>.

Crise e oportunidade convergem quando a consciência humana é capaz de inserir sua intencionalidade no acontecer, intervindo e provocando a **metabolé**, ou reconhecendo, no vir-a-ser, o

instante propício para a decisão que produz a mudança qualitativa necessária à continuidade da vida.

É nesse sentido positivo, de quase identidade entre **Krisis** e **Kairós**, onde a crise e a oportunidade de sua superação coincidem, que é preciso entender a contribuição original de Moutsopoulos para a compreensão da sociedade contemporânea, à luz da sua teoria da história.

Diz o filósofo: “Se nossa época é uma época ‘de crise’ como ‘de crises’, é porque se situa num ponto crucial da elaboração da história humana. Ora, **crise** significa discriminação, distinção, separação seletiva (...) Nesse contexto, **crise** significa igualmente **Kairós** (...). Nossa época é, efetivamente, uma época Kairica, que se presta à intervenção da intencionalidade da consciência humana, mediante a **práxis**”<sup>7</sup>.

Exemplo da **crise** atual é o que nosso filósofo chama de **terrícidio**, na **civilização da guerra**; exemplo de **Kairós**, é a meditação sobre a possibilidade de passarmos da guerra à paz, de os valores: bem, beleza e verdade se manifestarem em sociedades democráticas, na era da conquista do espaço.

Vejamos a questão do **terrícidio**. Numa perspectiva que tem pontos de analogia, a nosso ver, com o pensamento de Hans Jonas, Moutsopoulos aponta a irresponsabilidade e a irreflexão dos que exploram desordenadamente a terra, pressagiando sua total destruição. A ameaça à fauna e à flora já foram assinaladas, diz Moutsopoulos, nas obras de Bosch (**A nau dos insensatos**), de Munch (**O Grito**), de Picasso (**Guernica**), de Nicolacopoulos, anunciando a catástrofe, a extinção iminente de vegetais e animais. Já na Bíblia, o episódio de Babel; em Sófocles, a descrição da **hybris** de Ajax, também indicavam, nos planos da tradição religiosa e da arte,

<sup>3</sup> Rationalité de l'histoire, crises et opportunités historiques, in Avenir de la raison, devenir des rationalités, Paris, Vrin, 2004, pp. 512-514.

<sup>4</sup> C. MARCONDES CESAR, Le Kairós artistique, Atenas, Diotima n° 16, Sociedade Helênica de Estudos Filosóficos, 1988, pp. 96-99.

<sup>5</sup> E. MOUTSOPOULOS, L'histoire comme tradition, acceptation et dépassement, in id., Kairós. La mise et l'enjeu, Paris, Vrin, pp. 291-293.

<sup>6</sup> id., De quelques applications de modèles musicaux dans les sciences humaines, in id., L'univers des valeurs, univers de l'homme, Atenas, Academia de Atenas, 2005, pp. 229-240; id., Kairós et alternance: d'Empédocle à Platon, in id., Philosophie de la Culture Grecque, Atenas, Academia de Atenas, 1988, pp. 49-56; id., Possibilité et limites d'une histoire sérielle, in id., Kairos, La mise et l'enjeu, pp. 284-286.

<sup>7</sup> id., Espace Kairique, espace pragmatique de demain, in id., Kairós. La mise et l'enjeu, p. 101.

os riscos de destruição de um mundo no qual o homem atue sem a prudência necessária<sup>8</sup>.

Evocando Platão e Epicuro, que já falavam da **pettéia**, arte dos jogadores de xadrez, técnica que permite prever e calcular os efeitos das decisões tornadas pelos jogadores, visando atingir bons resultados, nosso filósofo afirma, analogamente, a exigência contemporânea de encontrarmos o **Kairós** entendido como “arte de viver”, que impeça a destruição de nosso mundo.

Contraditoriamente, no momento em que trata de aventurar-se no espaço cósmico, o homem pratica o terricídio. O progresso tecnológico, característico de nossa era, expressa uma realização nunca antes alcançada, mas não foi acompanhado de um equivalente progresso moral. O desnível entre um e outro gera uma crise de enormes proporções. A tecnologia é um bem, torna o homem senhor de seu universo, reconhece nosso pensador; mas é preciso, diz ele, para mostrar-se benéfica, que seja acompanhada pela afirmação de valores espirituais, os quais têm como eixo a noção de **respeito** pelos diferentes seres do mundo, pelo homem, pelas culturas.

A destruição que nos ameaça não é irreversível; parece mesmo que começa a ocorrer uma reação contra a “espiral infernal” em que nos achamos lançados<sup>9</sup>.

Considerando a nossa civilização como a da guerra, e esta como a pior manifestação de qualquer crise, Moutsopoulos atribui a desarmonia vigente à inadequação entre a intenção do homem e a realidade, entre o que se propõe a ser e o que efetivamente faz. Mas afirma também a capacidade humana de progresso cultural, espiritual, deixando entrever a possibilidade de superarmos a violência, e caminharmos em direção a uma vida pacífica, onde a justiça e a

liberdade sejam garantidas por um governo mundial livremente eleito<sup>10</sup>. Mostra que o ser humano está votado à expansão no **espaço**, enquanto domina e integra o meio circundante; no **tempo**, mediante o estabelecimento de referências kairicas; no plano dos **valores**, objetivando-os, através da incessante reestruturação de sua vida<sup>11</sup>.

Um dos aspectos dessa expansão no espaço é a exploração do cosmos, que tem como correlato a investigação do mundo do espírito. Inventando novas técnicas, descobrindo novos mundos, o homem pode desvendar novos modos de ser, formular novas culturas, estruturar novas sociedades. Diz o filósofo: “Separado da Terra, sua mãe nutriz (...) [o homem] adotará uma outra [mãe nutriz] que se tornará seu novo lar (...), [que] deverá **assegurar** a continuidade da espécie (...), **ser adaptável** às necessidades das sociedades que aí se desenvolverão, **permitir** a eclosão de uma cultura (...), **desencadear** (...) novas colônias humanas no espaço cósmico”<sup>12</sup>.

No que diz respeito aos **valores**, Moutsopoulos afirma o verdadeiro, o bem e o belo como critérios universais<sup>13</sup>, aos quais as novas civilizações e novas culturas vão se referir, adaptando-os às novas situações.

Uma das características de nossa época é, para o filósofo, a substituição da importância da noção de tempo pela noção de espaço. Para Moutsopoulos, Bergson prefigurou essa mudança, opondo à noção comum de tempo o conceito de **duração**; analogamente, no pensamento científico contemporâneo, “o tempo é considerado uma noção puramente auxiliar e (...) um simples instrumento de trabalho”<sup>14</sup>.

Moutsopoulos, afirmando a noção de kairicidade, aplicada ao tempo e ao espaço, reforça essa

<sup>(8)</sup> id., *Avant le terricide définitif, quel espoir?* in id., *L' univers des valeurs (...)*, pp. 402-408.

<sup>(9)</sup> id., *ibid.*

<sup>(10)</sup> id., *La civilisation: de la guerre à la paix*, in id., *op. cit.*, pp. 409-412.

<sup>(11)</sup> id., *Phénoménologie de l'expansion humaine*, in *op. cit.*, pp. 417-421.

<sup>(12)</sup> id., *Expansion de l'homme, implosion de l'esprit*, in *op. cit.*, p. 423.

<sup>(13)</sup> id., *Les valeurs dans l'espace cosmique*, in *op. cit.*, p. 425 e segs.

<sup>(14)</sup> id., *L'espace cosmique: hier, aujourd' hui, demain*, in *op. cit.*, p. 431.

tendência, ao substituir as categorias temporais tradicionais - passado, presente e futuro - pelas do **não-ainda** e do **nunca-mais**, às quais acrescenta as **espaço-kairicas: não-ainda-aqui e nunca-mais - em parte alguma**, que põem em relevo o espaço - tempo qualitativamente considerado.

Ao lado desses aspectos epistemológicos e axiológicos da questão, um novo fator se inscreve de modo a acentuar a importância do espaço: é a possibilidade, já entrevista hoje, da “disseminação de ao menos uma parte da humanidade no espaço cósmico, ele próprio em dilatação e expansão contínuas (...)”<sup>15</sup>.

Diz ele ainda: “substituído pelo **Kairós**, o tempo é, pela primeira vez, marginalizado em favor do espaço. O espaço, na ocorrência espaço cósmico (...) torna-se, graças ao homem (...) o protagonista da aventura humana”<sup>16</sup>.

Isto desencadeia, no plano da filosofia, uma atitude antrópica, que se expressa pela ênfase dada ao significado humano da investigação científica, buscado tanto pelos pensadores quanto pelos cientistas. Trata-se de integrar plenamente a humanidade no universo, produzindo - no futuro - uma colaboração crescente entre cientistas e comunidades planetárias, entre cidadãos do mundo e cidadãos vivendo em comunidades extra-terrestres.

A expansão da conquista do espaço funcionará como catalizador de uma evolução moral e política, provocando total renovação no modo de com-

preender a existência. Nosso autor afirma: “Esta problemática se organiza (...) em torno da idéia traduzida pela expressão ‘apelo do espaço’ ”<sup>17</sup>.

É nessa direção, refletindo a partir das possibilidades abertas para o futuro do homem<sup>18</sup>, que Moutsopoulos assinala a possibilidade de superação do terricídio, da guerra, através da paz e da expansão humana, fundada esta tanto nas novas perspectivas introduzidas pela ciência quanto nos valores tradicionais do bem, beleza e verdade. Daí dizer: “Trata-se de um processo de anteriorização e de kairificação do futuro (...)”, associado à atividade da consciência que, graças a um “presente provisional”, se insere “num futuro que ela **assimila** previamente e que **integra** definitivamente”<sup>19</sup>.

A interessantíssima análise de Moutsopoulos apóia-se solidamente na epistemologia atual e nas recentes contribuições de astrofísica, não sendo casuais tanto sua erudição nesses campos quanto a presidência que exerce da International Association Cosmos and Philosophy, fundada na Grécia e que reúne colaboradores da Academia de Atenas, da Academia de Toulouse, da Academia de Ciências da Rússia, da Academia de Ciências da Bulgária e integra, entre seus participantes, filósofos e cientistas.

Em síntese, podemos dizer que **crise** e **Kairós**, ameaça a oportunidade estão presentes na sociedade contemporânea, propondo ao homem atual o desafio de alcançar uma alteração qualitativa da existência, reorientando-a, em busca de um ser-mais.

<sup>(15)</sup> id., *ibid.*, p. 433.

<sup>(16)</sup> id., *ibid.*, p. 435.

<sup>(17)</sup> id., *ibid.*, p. 437.

<sup>(18)</sup> id., *L'avenir anticipé*, in *L'avenir*, Actes du XXI è Congrès de l' ASPLF, Atenas, 1986, pp. 9-12.

<sup>(19)</sup> id., *ibid.*, pp. 10-11. Ver também notas 13 e 14.